



O IGBE NA PRODUÇÃO DO DATA_LABE E O DEBATE SOBRE DADOS NO BRASIL

Clara Sacco; Juliana Marques

Data_labe

Resumo

O presente artigo discute a relevância do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística para a o data_labe, laboratório de dados e narrativas localizado no Complexo da Maré, Rio de Janeiro. A partir do histórico de construção da organização e do debate em torno do cenário da produção de dados no Brasil e dos debates levantados pelo laboratório, é traçada uma reflexão acerca da relação entre os institutos de pesquisa, as organizações da sociedade civil e suas relações com o fortalecimento da democracia brasileira.

Palavras-chave: dados, narrativas, democracia, juventude e pesquisa.

Abstract

This paper discusses the relevance of the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brazilian Institute of Geography and Statistics) to data_labe, a data and narrative laboratory located at Complexo da Maré, Rio de Janeiro. From the history of construction of the organization and the debate around the scenario of data production in Brazil and the debates raised by the laboratory, a reflection is drawn on the relationship between research institutes, civil society organizations and their relations with strengthening the Brazilian democracy.

Key words: data, narratives, democracy, youth and research.

É com muita alegria que nós, enquanto equipe do data_labe, recebemos o convite para compor a edição comemorativa de 80 anos da Revista Brasileira de Geografia. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sempre foi uma referência fundamental para os nossos trabalhos, nossas reflexões e para a construção de conhecimentos que temos desenvolvido. Para além da utilização prática dos dados nas nossas produções, investigar o IBGE, suas metodologias e publicações serve como parâmetro para elaboração de metodologias próprias. Ademais, o órgão é uma referência para a reflexão e a renovação no contexto do trabalho com dados no Brasil assim como um alicerce para a proposição políticas públicas baseadas em evidências.

Nossa maior aproximação de afeto com o IBGE se deu esse ano, no contexto das manifestações e articulações pela garantia da manutenção do Censo 2020 sem cortes orçamentários e com autonomia técnica. Enquanto laboratório de dados localizados numa favela do Rio de Janeiro, não podíamos deixar de fortalecer e nos mobilizar pela integridade e manutenção da Instituição.

No presente artigo, a partir da história da fundação do que é hoje o data_labe propomos uma reflexão sobre a importância do IBGE para as nossas produções, para o jornalismo brasileiro, para a potencialização da produção de conhecimento construída pela juventude hoje e enquanto ferramenta fundamental para a garantia do fortalecimento democrático brasileiro.

Iniciamos o texto com o histórico de constituição do data_labe, procurando delinear um pouco dos desafios e os conceitos envolvidos na criação de um laboratório de dados na favela. Em um segundo momento, discutimos a importância dos dados e metodologias do IBGE para as nossas produções, realizações e para o jornalismo como um todo. Concluimos o texto fazendo uma reflexão sobre as disputas em torno das produções e publicações de dados. Esperamos assim contribuir para o debate sobre a importância da diversidade de perspectivas no trabalho com dados e também da democratização das ferramentas de trabalhos com dados. Acreditamos que só assim é possível garantir e fortalecer a democracia.

Histórico do data_labe

O data_labe é um laboratório de dados e narrativas localizado no Complexo da Maré, Rio de Janeiro. Isso significa que produzimos narrativas a partir de dados sob a perspectiva da favela, seus moradores e de sujeitos periféricos de forma geral. Entendemos o termo sujeitos periféricos não somente relacionado à localização geográfica, mas como aqueles que estão às margens do poder instituído: mulheres, jovens, pessoas negras, LGBTI+, povos originários, pessoas com deficiências, por exemplo. No centro do projeto está a disputa em torno do imaginário construído sobre a cidade e seus habitantes.

O laboratório nasceu em 2016, nas dependências do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro¹, em parceria com a Escola de Dados². A ideia surgiu a partir do entendimento da equipe criadora da proposta³ de que era necessário democratizar, diversificar e ampliar o acesso e o conhecimento relacionados às ferramentas de trabalho com dados. Travamos uma disputa pela maior inserção de moradores de favelas e sujeitos periféricos na produção de pesquisas e construção de histórias a partir da investigação de dados.

Nesse primeiro momento do *data_labe*, realizamos uma chamada para cinco jovens entre 17 a 28 anos, moradores de qualquer território popular do Rio de Janeiro que estivessem interessados em participar de uma formação de dez meses na condição de bolsistas residentes para investigar um assunto de seu interesse a partir de dados. O objetivo era estabelecer uma metodologia de trabalho com dados adaptada para pessoas sem esse conhecimento prévio e ancorada a temas relacionados a recortes de gênero, raça, classe e territorialidades. Os três meses iniciais foram de formação com a Escola de Dados sobre ferramentas e fluxo de trabalho e depois desenvolvemos pesquisas individuais e coletivas.

Na primeira etapa foram concluídas as seguintes pesquisas⁴: I) “Quem faz o ENEM na Maré?”, realizada por Paloma Callado, que apresenta o perfil e desempenho dos alunos do território no ENEM. A pesquisa foi baseada em dados do INEP de 2014; II) “Baixada no Twitter”, realizada por Fábio Silva, que discute os diferentes discursos sobre a Baixada Fluminense na rede social a partir de dados raspados do próprio Twitter; III) “Morte materna além dos números”, pesquisa feita por Vitória Lourenço, a partir de dados do DataSUS; IV) a “Na ida e na volta pra casa”, pesquisa produzida por Fernanda Costa sobre a relação das empresas de transportes públicos e os dados dos usuários, baseada em dados da RioOnibus; e V) “Transdados”, pesquisa de Eloi Leones sobre a deficiência de dados sobre a população transexual no Brasil.

Em um segundo momento, ao final do processo, o grupo desenvolveu o Mapa da comunicação comunitária⁵, uma plataforma colaborativa e georreferenciada com uma base de dados aberta sobre as iniciativas de jornalismo comunitário na região metropolitana do Rio de Janeiro.

No ano de 2017 o *data_labe* já não tinha mais financiamento e não se identificava mais com a estrutura institucional na qual estava inserido. Passamos a entender que havia uma necessidade de dar continuidade ao trabalho e nos reformularmos; o desejo era de estabelecer um formato próprio e mais autônomo de funcionamento. Mesmo com precariedade financeira e sem local fixo de trabalho, o grupo produziu uma reportagem investigativa sobre a controversa imple-

¹ O Observatório de Favelas do Rio de Janeiro é uma organização da sociedade civil de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos.

² A Escola de Dados é uma rede global comprometida com o avanço do uso de dados para resolver problemas reais em prol de sociedades mais conscientes, sustentáveis e justas. As metodologias utilizadas pela Escola são baseadas em treinamentos “mão na massa”, que partem da identificação de problemas reais, e sua organização do fluxo de trabalho com dados (*data pipeline*) se tornou referências no ensino de dados.

³ Clara Sacco e Gilberto Vieira são comunicadores e coordenadores e cofundadores do *data_labe*. Atuam juntos desde 2012 em projetos que articulam juventude, comunicação, cultura e tecnologia na Maré.

⁴ As pesquisas realizadas no primeiro ano do *data_labe* e foram produzidas em formato experimental no contexto de formação. Podem ser acessadas em www.datalabe.org/narrativa.

⁵ Pode ser acessado em: mapa.datalabe.org

mentação da ciclovia na Maré⁶, criou o projeto Cocôzap (a ser esmiuçado abaixo) e lançou o podcast *data_lábia*⁷.

Em outubro desse mesmo ano fomos selecionados para participar da Residência Laboratório para Estruturas Flexíveis⁸, realizado pela Casa do Povo⁹ em São Paulo. A proposta se encontrava exatamente com o que estávamos demandando naquele momento: uma residência para coletivos pensarem e transformarem suas estruturas. A partir da investigação feita com outras organizações das periferias de São Paulo, decidimos nos empenhar em construir uma organização. Optamos pelo modelo de associação sem fins lucrativos e a partir daí começamos a articular recursos financeiros e burocráticos para a formalização da mesma.

O ano de 2018 foi de consolidação e execução desse plano. Conseguimos financiamento de uma fundação internacional para a formalização, assim como uma sede na Nova Holanda, no Complexo da Maré e constituir uma equipe fixa remunerada. O processo possibilitou um planejamento a médio prazo, maior produção de conteúdo e estruturação do fluxo de trabalho.

Desde então, o *data_labe* se estabelece a partir de eixos de atuação e continua se referenciando enquanto um laboratório que acredita na perspectiva da constante aprendizagem, na experimentação e no reconhecimento de que os processos têm a mesma importância quanto os resultados e podem gerar tanto conhecimento quanto os produtos finais. Os três eixos com os quais a organização trabalha se entrecruzam e são categorizados entre produção de conteúdo, formação de pessoas para o trabalho com dados e pesquisa e geração cidadã de dados.

A produção de conteúdo hoje baseia-se fundamentalmente em narrativas jornalísticas. A partir dos métodos de pesquisa, apuração, entrevistas e redação do jornalismo, o *data_labe* tem como produções principais as reportagens, as visualizações de dados, uma *newsletter* mensal¹⁰ e o *podcast*. Devido à formação inicial com a Escola de Dados e o foco no trabalho com dados, as produções são majoritariamente baseadas nesse campo. Importante acentuar que grande parte do jornalismo que conhecemos hoje é feito a partir de dados. A diferença é que o chamado jornalismo de dados se debruça sobre grandes quantidades de dados, também chamado de jornalismo de bases de dados.

O fazer jornalístico não era uma produção de conhecimento associada aos números, o que não é a realidade do jornalismo de dados, que pode extrapolar os números que já estão disponíveis

⁶ Pode ser acessado em: <http://datalabe.org/narrativa/capital-da-bicicleta-para-quem/>

⁷ O *data_lábia* é um podcast mensal produzido pelo *data_labe* que foi criado com o intuito de propor a discussão de temas a partir da análise de dados em um formato de bate-papo. Pode ser acessado em <https://soundcloud.com/user-803520250>

⁸ Intitulado Laboratório para Estruturas Flexíveis, a proposta era uma residência de 30 dias em São Paulo para pensar modelos alternativos de gestão, organização e trabalho a partir de coletivos oriundos de periferias. Como se sustentam? Como gerem seu tempo, seu trabalho? Qual a formação estética e identitária desses grupos? Imersos na observação de outras práticas coletivas durante a residência, essas e outras perguntas surgiram e, para além de respostas, buscávamos mais questionamentos. A experiência dessa busca por perguntas ganhou forma de palavra e se transformou num diário de campo. A publicação *Relato-diário//Laboratório para Estruturas flexíveis* pode ser acessada em medium.com/data-labe.

⁹ A Casa do Povo é um centro cultural habitado por uma dezena de grupos, movimentos e coletivos, alguns há décadas e outros mais recentes. Atua no campo expandido da cultura. Sua programação transdisciplinar, processual e engajada entende a arte como ferramenta crítica dentro de um processo de transformação social

¹⁰ A *newsletter data_labe* é uma publicação, enviada mensalmente para o e-mail dos assinantes. A cada mês um tema é explorado a partir da análise de dados e debate sobre a produção de dados no Brasil. Pode ser assinada em bit.ly/novasdotdata

em relatórios, por exemplo, e se debruça em bases de dados muitas vezes enormes, propondo-se a buscas mais profundas, assim como cruzamentos e raspagens inéditas. Outro aspecto fundamental do jornalismo de dados é a visualização, que não substitui a narrativa escrita, mas consegue trazer informações importantes e complexas de forma mais simples para quem lê.

O IBGE no jornalismo

Nesse sentido, podemos afirmar que o IBGE é imprescindível para o jornalismo no Brasil. Além dos diagnósticos, retratos urbanísticos e subsídio para políticas públicas, o órgão é fundamentalmente importante para o fazer jornalístico e a produção de informação. O jornalismo tem o papel de mediação entre a produção de dados das instituições e a tradução desses dados para a população. Sem um diagnóstico que conseguisse alcançar todo o país, ancorado em uma metodologia rigorosa baseada em padrões internacionais e com atualizações periódicas seria impossível fazer apurações consistentes e produzir informações com credibilidade.

Nas reportagens que produzimos procuramos compartilhar e detalhar como os dados discutidos e analisados pelas narrativas foram obtidos e tratados. Além disso, consideramos a relevância em localizar cultural histórico e socialmente o grupo idealizador da pesquisa. Em suas publicações, o IBGE faz a sistematização e a discussão teórica de suas metodologias, que já servem como norteadoras para muitas das práticas do *data_labe* nesse sentido.

No contexto da organização, procuramos falar dos processos com dados a partir de uma linguagem considerada mais informal, com o intuito de tornar mais compreensível informações técnicas, que em um primeiro momento podem afastar leitores não tão familiarizados com as mesmas. Outro objetivo é compartilhar um “modo de fazer” que estimule a apropriação por parte dos mais interessados do uso de dados públicos. Nesse artigo vamos apresentar algumas aplicações de dados do IBGE nas visualizações que fazem parte do projeto 150 DATAM¹¹.

A *newsletter* de agosto, intitulada “Naquela mesa tá faltando ele” foi dedicada ao dia dos pais e retratou a desigualdade de gênero na criação dos filhos na sociedade brasileira. Foram utilizados microdados da PNAD 2015 para apontar o perfil das famílias brasileiras. Ao analisarmos as categorias criadas, foi possível apontar que, em alguma medida, tais categorias reforçam a existência de um ciclo de vulnerabilidades que impactam indiscriminadamente a vida das mulheres no Brasil.

¹¹ O 150DATAM é uma proposta de visualizações de dados simples, que podem ser analisadas em pouco tempo, sobre temas complexos. O nome faz referência ao estilo de funk 150BPM, reconhecido pelo seu ritmo acelerado.

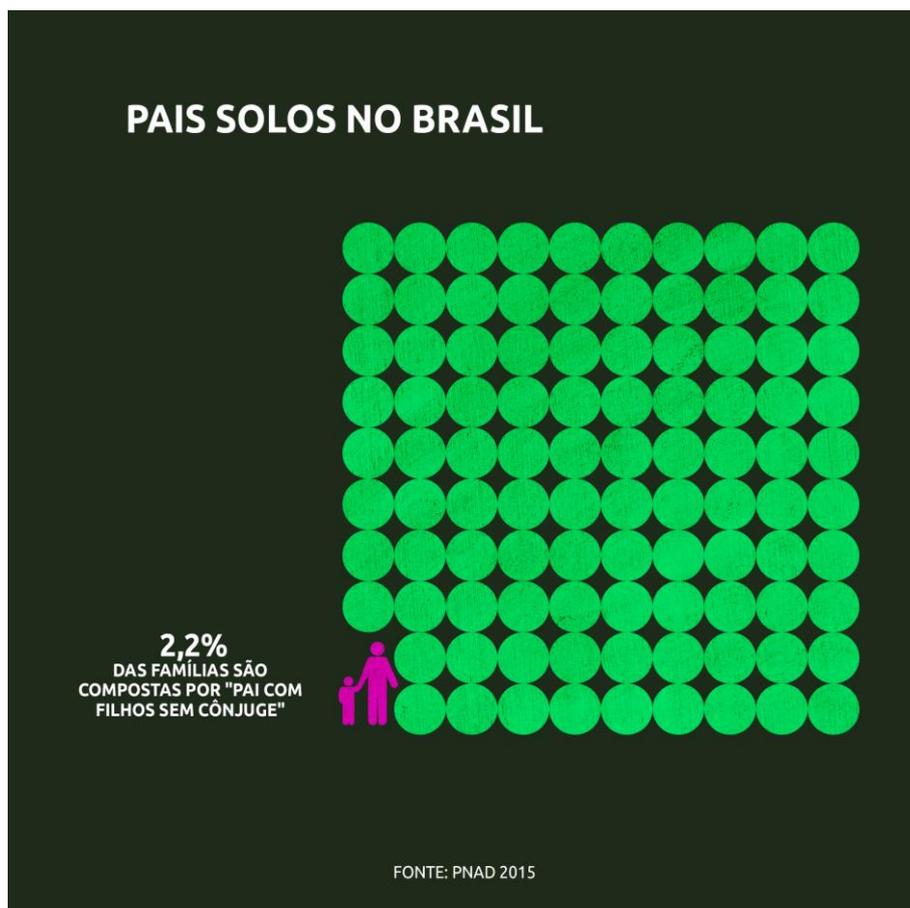


Figura 1. DATAM agosto de 2019.

No 150 DATAM, as distinções na categoria “tipo de família”, eram apresentadas apenas as opções “casal” e “mãe” e suas variações “com filhos” e “sem filhos”. Foi desconsiderada a abertura “pai com filhos”, por exemplo. Nesse ponto, acreditamos que seja perceptível a naturalização da responsabilidade tradicional das mulheres pela criação dos filhos.

A inferência final não muda, ou seja, parte considerável das famílias brasileiras, 16,5%, são compostas por “mãe solo”. O número de “pais solo” é 7 vezes menor, 2,2%. Ao nos depararmos com necessidade de relacionar duas variáveis diferentes e criar uma nova categoria para essa composição familiar, temos uma das teses em torno do uso de dados que Mimi Onuoha nomeou como “Especialmente combinados, os conjuntos de dados revelam muito mais do que o pretendido”. Nesse sentido, é possível uma associação com o fato de que no caso da base do PNAD 2015, expor a categoria “pai solo” não tenha sido considerada como parte da solução para o questionamento da sobrecarga que acarreta a realidade das “mães solo”.

Elaboraões e transformações de escolhas metodológicas tem sido compromisso do IBGE ao longo de toda sua história. Em um outro momento, o *data_labe* dedicou espaço para essa reflexão. Na *newsletter* “Identidade indígena: história, pesquisa e racismo” referente ao mês de abril de 2019, foi abordada a metodologia para classificação da categoria cor/raça, suas alterações ao

longo do tempo e seus impactos no dimensionamento populacional dos indígenas. Dar destaque para esse processo é importante porque esta categoria do IBGE é uma das mais utilizadas para pesquisas nos mais diversos campos



Figura 2. DATAM abril de 2019.

Entre 1991 e 2010, a população indígena no Brasil passou de 294 mil para 897 mil, um crescimento de 205% em menos de vinte anos. O foco da visualização de dados 150DATAM presente nessa newsletter foi explicar os motivos desse crescimento sem precedentes. Consideramos o apontamento das mudanças metodológicas nos Censos ao longo do tempo que contribuíram para um panorama mais próximo do real sobre a quantidade de indígenas no Brasil, com destaque para a ampliação da sua cartografia e a adoção da autodeclaração em 1991. Ainda que tenha sido tomada com atraso de 30 anos em relação ao restante da população brasileira.

Levando isso em consideração, podemos afirmar que os dados do IBGE são fundamentais não apenas para retratar a sociedade brasileira, como também para a produção de reflexões acerca das metodologias e caminhos utilizados para chegar ao que chamamos de realidade. Os processos estabelecidos e constantemente transformados durante a história da instituição nos fazem pensar e aprender sobre nossas próprias escolhas metodológicas e perspectivas para a produção de conhecimento.

Pesquisa e geração cidadã de dado

A dificuldade de encontrar dados públicos com recorte territorial durante as publicações iniciais do *data_labe* foi uma das motivações para adentrar no campo da pesquisa e geração cidadã de dados¹². Partimos do entendimento de que não existe neutralidade científica nos processos que envolvem a geração, a análise, o cruzamento e a publicação de dados, por isso existe a necessidade de disputar a diversidade dos atores envolvidos nesses processos. Sendo assim, a sociedade civil tem papel essencial em entender e debater sobre as metodologias de trabalhos com dados do IBGE.

O Instituto é responsável por pesquisas no âmbito de dimensões continentais como é o caso do Brasil, um dos motivos por não conseguir abarcar totalmente dados suficiente para análises de microcosmos como de favelas, bairros ou grupos sociais específicos ou com pequena representação numérica. No recenseamento é comum que divisões entre regiões acabem levando em conta uma categorização urbanística e de localização geográfica em detrimento de uma perspectiva histórica e sociocultural mais apurada, como é o caso da categorização “aglomerados sub-normais”¹³.

A importância do IBGE não se resume ao fornecimento de dados, mas também para servir como parâmetro para que a sociedade civil consiga incidir e colaborar tanto para sanar as produções de dados deficitárias quanto para contribuir nos debates em torno das constantes reformulações metodológicas.

Nesse intuito criamos o *Cocôzap*¹⁴, projeto do *data_labe* em parceria com a Casa Fluminense¹⁵ e a Redes de Desenvolvimento da Maré¹⁶. O objetivo desse projeto é a construção de um canal de notificação, debate e engajamento da população acerca do saneamento básico a partir de mapeamentos participativos e ágeis sobre a coleta de lixo e o esgotamento sanitário em favelas e periferias do Rio de Janeiro Metropolitano.

Foi construída uma metodologia de envio de notificações de situação de esgotamento sanitário inadequado através do aplicativo de mensagens *Whatsapp*. Fotos, vídeos e descrições escritas ou por áudio são recebidos de modo a localizar e ilustrar os desafios de um cotidiano de desigualdades em termos de acesso a serviços públicos de saneamento. De forma colaborativa estão sendo construídos diagnósticos que possam contrapor os indicadores oficiais utilizados.

¹² Definimos como toda coleta de dados feita de maneira coletiva, que tenha uma função ativista e objetiva, em formato aberto e público, em que os usuários estejam conscientes do propósito dos dados.

¹³ A discussão em torno da categoria “aglomerados subnormais” foi feita na *newsletter* do mês de junho de 2019 pelo *data_labe*: “O termo é problemático porque reforça os estereótipos enfrentados pelas favelas e porque não contempla a complexidade desses territórios”.

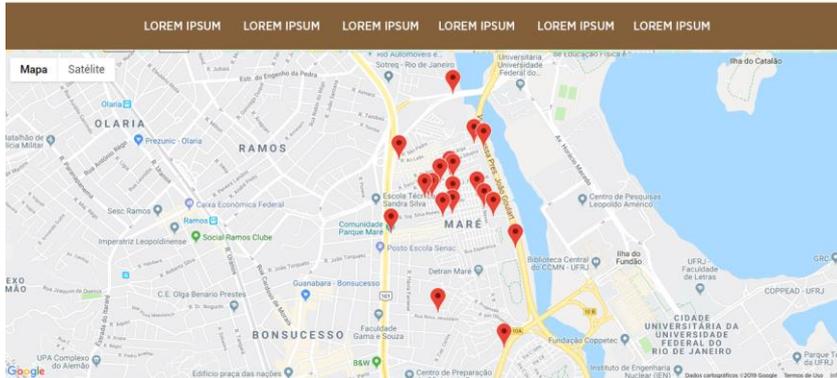
¹⁴ O projeto pode ser acessado em cocozap.datacube.org

¹⁵ A Casa Fluminense é uma organização que trabalha com monitoramento e construção de políticas públicas coletivas por meio da ativação de diferentes atores da sociedade civil.

¹⁶ As ações, pesquisas e reflexões desenvolvidas pela Redes da Maré ao longo de seu percurso, marcado pela atuação de seus integrantes em organizações locais e em outros espaços da cidade, nos diferentes campos das políticas sociais, pautam-se pelo interesse comum de trabalhar, de forma integrada e abrangente, com temáticas relativas à cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, aos seus espaços populares. Com essa estratégia de atuação, a instituição busca desenvolver projetos dentro de cinco eixos: arte e cultura, desenvolvimento territorial, direito à segurança pública e acesso à justiça, educação, identidades e memória.



MOBILIZAÇÃO, MAPEAMENTO E INCIDÊNCIA PARA SANEAMENTO BÁSICO EM FAVELAS.



INFOS DO MAPA



Favela: Nova Holanda
Frequência: Ocasionalmente
Categoria: Alagamento
Total de notificações: 25
Total por categoria (Alagamento): 2
Porcentagem de notificações da categoria: 8%
Última atualização: 19/10/2018

PARTICIPE

Acesse o formulário [neste link](#), adicione seu ponto e participe do mapa.

ACESSE OS DADOS

Formato de [tabela no Google Sheets](#) e [API em Json](#).

SOBRE

As equipes do [data_lab](#) e da [Casa Fluminense](#) estão trabalhando desde 2017 em parceria para construir um canal de notificação, debate e proposição sobre saneamento básico, a partir de mapeamentos participativos ágeis, sobre a coleta de lixo e o esgotamento sanitário em favelas e periferias do Rio de Janeiro Metropolitan.

A proposta passa pelo engajamento e pela capacidade de incidência dos moradores nas políticas locais. Através do aplicativo Whatsapp, fotos, vídeos e narrativas serão recebidos de modo a localizar e ilustrar os desafios de um cotidiano de desigualdades em termos de acesso a serviços públicos de saneamento. De forma colaborativa serão construídos diagnósticos mais fidedignos do que os indicadores utilizados como oficiais. As soluções também serão mais legítimas, baseadas em evidências fornecidas por quem vive os dados mais extremos.

Este primeiro piloto foi desenvolvido com o apoio do [Fundo Socioambiental Casa](#) e parceria com o [Redes da Maré](#). Nós selecionamos quatro jovens moradores da Maré. Duas mobilizadoras locais que fizeram uma campanha de difusão do cocôzap por três favelas do Complexo da Maré: Nova Holanda, Rubens Vaz e Parque União. A campanha durou oito semanas (entre outubro e novembro de 2018) e foi o experimento para descobertas e diagnósticos do projeto. Dois pesquisadores colaboraram com a escrita de um reportagem que narra o cenário do saneamento básico na favela da Maré a partir da luta por direitos, dados e memórias dos moradores.

Questões ligadas a cultura do lixo, os debates metodológicos e os relatos sobre essa primeira experiência na Maré você encontra na [revista do cocôzap no medium](#). A intenção é que o projeto seja desenvolvido em etapas a partir das articulações que forem sendo feitas. É programa em progresso, processo contínuo e experimental. As atualizações vão sendo feitas com frequência no mapa e no Medium e acompanham as articulações das equipes. O cocôzap é um projeto independente, sem fins lucrativos e sem financiamento direto. Se você conhece alguém que pode se interessar pelo projeto, envie nossos contatos.

ACESSE, COLABORE, COMPARTILHE!



Figura 3. Cocôzap.

A proposta passa também pelo engajamento e capacidade de incidência dos moradores nas políticas locais. Além de um número de denúncia, o Cocôzap é um projeto de mobilização corpo a corpo, um canal de informação sobre questões relacionadas ao saneamento básico, promovendo também os Encontro de saneamento na Maré: eventos que reúnem moradores, ativistas e especialistas para discutir demandas e soluções acerca do saneamento básico na favela.

Formação e a introdução aos dados

Para o data_labe ampliar e democratizar as ferramentas e metodologias de trabalhos com dados é parte fundamental do propósito de fortalecimento da democracia. Em um contexto de ampliação das possibilidades de circulação de narrativas diversas, facilitado pelos novos meios de comunicação, a juventude vem se apropriando das ferramentas da comunicação e de incidência políticas conseguindo travar disputas fundamentais no campo da pluralidade democrática.

Sendo assim, um dos pilares de atuação se debruça no desafio de aproximar a juventude periférica do universo dos dados para potencializar suas produções, seja na política institucional, da comunicação independente, do ativismo ou até na preparação para habilidades valorosas para o mercado de trabalho. Acreditamos também que essas formações não necessitam vir exclusivamente da academia, muitas vezes inacessível aos jovens moradores de favela, e que a sociedade civil é parte importante no movimento de democratizar esse conhecimento.

Além dos estudos e formações cotidianas possibilitadas pelas produções da equipe fixa, o data_labe proporciona também oficinas, aulas em parcerias com outras organizações e residências formativas, sempre focadas no público de jovens moradores de favelas. Cada residência do data_labe consiste em um período de aproximadamente três meses. Em cada uma é aberta uma chamada para pesquisa e desenvolvimento de um projeto relativo a um tema específico. Os jovens com interesses e habilidades específicas relacionadas ao tema são selecionados e passam esse período em formação e produção conjunta com a equipe data_labe e parceiros.

Cada residência contém um módulo de formação de dados adaptada ao tema em questão. Na formação é dada prioridade para o trabalho com dados públicos e abertos e reforçando a importância da LAI (Lei de Acesso a Informação), dispositivo importante para disseminação de uma cultura de dados e monitoramento iniciada pelo IBGE. A relevância do Instituto é sempre mencionada, assim como suas bases de dados e relatórios prioritariamente utilizados nas atividades práticas. Seus trabalhos também são utilizados para explicação e desenvolvimento dos conceitos básicos do universo das estatísticas.

Além das residências, proporcionamos oficinas mais pontuais de formação, muitas vezes com organizações parceiras como módulo de algum outro processo formativo - ou por conta própria. Para essas ocasiões elaboramos uma cartilha contendo os principais conceitos e ferramentas que julgamos necessários para o jornalismo de dados. Serve também como referência para compartilhar de forma sistematizada as consideradas boas práticas do processo de trabalho com dados públicos dentro da organização.

Nos meses de junho e julho de 2019 fomos convidados para contribuir com a construção da metodologia de pesquisa da Comissão Especial da Juventude da ALERJ, criada em decorrência do requerimento nº17/2019, presidida pela deputada estadual Dani Monteiro. A Comissão é composta por mais de 60 jovens voluntários dispostos a fazer pesquisas para a colaboração na formulação de políticas públicas a partir de eixos temáticos como mobilidade, educação e segurança pública.

Até o presente momento, a colaboração do data_labe junto ao grupo se deu mais efetivamente nos quesitos de cronograma da pesquisa, divisões de subtemas e na formação em busca de dados. Os dados produzidos pelo IBGE são utilizados para a realização de diagnóstico de monitoramento da efetividade das políticas planejadas pelos grupos.

As organizações, articulações e iniciativas com as quais o data_labe se articula para compartilhar formações são muito diversas entre si. O que as assemelha é o interesse no uso de dados e evidências para suas formulações e o entendimento da necessidade de domínio do debate e utilização das ferramentas de trabalhos com dados. Existe um campo crescente de interesse pela ampliação e democratização de tais habilidades, o que demonstra a necessidade de outras iniciativas e investimento das instituições de pesquisas em democratizar e ampliar a apropriação de suas técnicas e metodologias.

Conclusão

Para além da defesa da autonomia de geração e da publicização de dados, a missão do data_labe em promover maior democratização das ferramentas e de trabalhos com dados parece cada vez mais urgente. A diversidade de sujeitos e subjetividades implicadas nos processos das pesquisas e produção jornalística são fundamentais para que as também diversidades presentes na constituição da sociedade brasileira sejam retratadas, representadas e olhadas em sua totalidade.

Estamos em um contexto em que a proliferação de informações falsas é uma realidade e o jornalismo passa por um momento de descrédibilização perante a sociedade, uma motivação fundamental para a afirmação dos institutos de pesquisa enquanto insumo fundamental para a produção de informação comprometidas com o interesse público.

A histórica articulação entre organizações da sociedade civil e institutos de pesquisa precisa se fortalecer e caminhar para cooperações cada vez mais efetivas e de escuta mútua para aprimoramento metodológico. Isso implica na garantia da construção de políticas públicas ancoradas em evidências e construídas a partir do debate democrático.

Referências

- CANCLINI, Néstor García. (2012), *Jóvenes, Culturas Urbanas y Redes Digitales*. Editora Ariel, Buenos Aires.
- FRASER, Nancy. (2013), “Para além do modelo senhor/serva: sobre O contrato sexual, de Carole Pateman”. In: MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia, 1ª Edição. *Teoria política feminista: textos centrais*. Niterói: Editora da UFF.
- OKIN, Susan Moller. (1989), *Justice, Gender, and the Family*. New York: Basic Books,.

Sites consultados

- Casa do Povo: Disponível em <<https://casadopovo.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- Casa Fluminense. Disponível em <<https://casafluminense.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- Escola de Dados. Disponível em <<https://escoladedados.org/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- Observatório de Favelas. Disponível em <<https://www.observatoriodefavelas.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- Redes da Maré. Disponível em <<https://redesdamare.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

